**UMA ABORDAGEM LABORATORIAL DA DIMENSÃO NOTURNA DA EXPERIÊNCIA PARANORMAL: RELATÓRIO DE UM ESTUDO CONFIRMATÓRIO USANDO A TÉCNICA DE MONITORAMENTO REM**

Por Montague Ullman e Stanley Krippner

The Basic Experiments in Parapsychology, pp 74-87. Compiled and Edited by K. Ramakrishna Rao. McFarland & Company, Inc., Publishers. Jefferson, North Carolina, and London, 1984. -- Reprinted with permission. *Biological Psychiatry*, 1969,1, 259-270.

*Segundo algumas estimativas (L. E. Rhine, 1962b), 65% das experiências psíquicas espontâneas ocorrem em sonhos. Vários psicanalistas relataram o que parecem ser sonhos paranormais no cenário terapêutico (Devereux, 1953). Portanto, é natural considerar o estado de sonho como psi-conducente. Segundo Van de Castle (1977), o primeiro esforço experimental para influenciar paranormalmente um sonho foi relatado por Waserman em 1819.*

*Com o advento das técnicas de monitoramento de sonhos possibilitadas pela descoberta de tais correlatos fisiológicos do estado onírico como movimentos rápidos dos olhos (REMs), surgiu a oportunidade de estudar os sonhos da PES em ambientes laboratoriais. Montague Ullman e associados rapidamente se aproveitaram disso. O relato completo de um estudo de uma década de PES e sonhos no Maimonides Medical Center, em Brooklyn, NY, pode ser encontrado no livro de Ullman, Krippner e Vaughan (1973). O artigo reimpresso aqui é uma das várias publicações do grupo Maimonides. Vários outros estudos seguiram-se (Ullman, Krippner & Feldstein, 1966; Krippner, 1969; Ullman & Krippner, 1970; Hornorton Krippner & Ullman, 1971; Krippner et al, 1971;. Krippner, Honorton & Ullman, 1973; Krippner Honorton e Ullman, 1972).*

*Entre as tentativas de replicar os estudos dos sonhos de Maimonides está um realizado por Belvedere e Foulkes (1971) na Universidade de Wyoming, que não deu resultados significativos de PES. Uma revisão abrangente da PES e dos sonhos pode ser encontrada em um capítulo de Robert Van de Castle (1977) no Wolman’s Handbook of Parapsychology. A avaliação de Van de Castle, como ele afirma, “oferece evidências muito encorajadoras de que a incorporação telepática de estímulos em sonhos pode ser demonstrada sob boas condições experimentais” (p. 494).*

*Na época dessa pesquisa, o Dr. Montague Ullman era diretor do Departamento de Psiquiatria do Maimonides Medical Center, Brooklyn, Nova Iorque. O Dr. Stanley Krippner agora é professor do Saybrook Institute em San Francisco, Califórnia.*

**INTRODUÇÃO**

A pesquisa parapsicológica, quase sem exceção, enfatizou técnicas aplicáveis ​​à experimentação diurna. As medidas fisiológicas agora disponíveis para monitorar os sonhos abriram o caminho para uma abordagem noturna ao paranormal, na qual a maioria das características do evento paranormal que ocorre naturalmente pode ser incluída como características intrínsecas do próprio experimento. Utilizando a técnica do Movimento Rápido dos Olhos, foi possível programar uma relação entre um agente que olha para uma imagem alvo e um sujeito adormecido que tenta incorporar na série de sonhos que ele está tendo naquela noite o alvo conhecido. Essa técnica se presta ao julgamento independente do grau de correspondência entre o protocolo e o alvo do sonho, bem como ao uso de técnicas estatísticas para refletir um resultado quantificável.

Uma abordagem noturna desse tipo enfatiza a congruência entre certos atributos do sonhar e as condições que caracterizam os relatos anedóticos de eventos paranormais. Sonhar é um estado naturalmente recorrente, caracterizado por uma transformação radical na consciência, assemelhando-se, em muitos aspectos, aos estados dissociados frequentemente observados no momento da ocorrência dos eventos paranormais. Sonhar também enfatiza atuais necessidades motivacionais significativas, outro ponto importante de congruência com o evento paranormal espontâneo.

Levantamentos críticos da pesquisa em telepatia foram feitos por Soal e Bateman (1954), Murphy (1961) e Rao (1966). Um resumo da pesquisa parapsicológica envolvendo fatores de personalidade foi apresentado por Schmeidler e McConnell (1958). As relações entre a parapsicologia e a biologia foram discutidas em um simpósio de 1955 patrocinado pela Fundação Ciba (Wolstenholme and Millar, 1956). Embora a realidade da experiência paranormal seja de amplo interesse geral, o foco dos psiquiatras centra-se na existência do chamado sonho telepático, ou seja, um sonho que envolve a transferência de informação de uma pessoa para outra, que não seja através de canais sensoriais conhecidos. Associações entre a parapsicologia e a psicanálise foram exploradas em uma antologia que incluiu seis artigos de Freud (Devereux, 1953). Embora relatos clínicos de efeitos paranormais em sonhos tenham aparecido na literatura ao longo de várias décadas, há apenas um relato de uma abordagem experimental do assunto (Bleksley, 1963). Neste experimento, um sujeito tentou se despertar em um momento indicado por um relógio situado a 900 milhas de distância. Este relógio foi redefinido diariamente em um horário selecionado aleatoriamente. Fizeram-se 284 tentativas no total, com resultados estatisticamente significantes. O sujeito se saiu melhor quando despertou de um sonho do que quando acordou sem ter consciência do sonho.

Wallwork (1952) relatou a primeira tentativa de relacionar padrões de EEG e operação paranormal. A metodologia de Wallwork foi repetida por Cadoret (1964), que descobriu que mais pontos de PES ocorriam significativamente quando os ensaios eram acompanhados por atividade alfa do que por atividade relativamente rápida. Achados semelhantes foram relatados por Tart (1963) e Motoyama (1964).

Em 1962, um Laboratório de Sonhos foi criado no Centro Médico Maimonides para a investigação da telepatia e do sonho. O primeiro estudo a ser completado que utilizou um único sujeito (S) ocorreu em 1964 (Ullman et al., 1966). Este foi um estudo de 7 noites com um psicólogo do sexo masculino como S. Em testes de triagem anteriores, ele pareceu capaz de incorporar em seus sonhos aspectos de imagens-alvo que um agente (A) ou emissor via em outra sala. Três juízes externos classificaram cada uma das transcrições datilografadas dos relatos dos sonhos do psicólogo em relação a cada uma das sete gravuras de arte usadas como imagens-alvo. Imaginou-se que cada transcrição de sonho corresponderia mais de perto ao alvo daquela noite do que aos de outras noites do experimento. Cada combinação transcrição-alvo foi avaliada pelos três juízes e a média das três avaliações foi inserida em uma matriz de sete por sete. Quando a matriz foi submetida à técnica de análise de variância, as combinações alvo-transcrição corretas receberam avaliações médias significativamente mais altas do que as incorretas (p < 0,01). Os resultados indicaram que os efeitos telepáticos, como suposto, foram incorporados nos sonhos de S durante um experimento laboratorial controlado. Em cada uma das sete noites do experimento, os sonhos e declarações associativas de S demonstraram uma estreita correspondência com a imagem alvo selecionada aleatoriamente para aquela sessão experimental em particular.

**PROCEDIMENTO**

Em 1966, o mesmo psicólogo estava novamente disponível como sujeito para um estudo experimental. O funcionário que havia servido como A no estudo anterior também estava disponível para a tentativa de replicação. Os mesmos três juízes externos (Js) ofereceram seus serviços para avaliar o material. Uma série de oito noites foi planejada pela equipe do Laboratório de Sonhos.

Supôs-se novamente que a transcrição dos sonhos de S para qualquer noite experimental refletiria a influência da comunicação telepática com A. A seleção de alvos foi feita por uma equipe de quatro membros da equipe que nunca estiveram presentes em nenhuma das noites experimentais. Assim, a gama de possíveis imagens alvo a serem usadas era desconhecida para S, para A, ou para os experimentadores (Es) que monitoravam o equipamento durante cada sessão.

Os alvos eram impressões de tamanho de cartão postal de pinturas famosas. Um dos psicólogos da equipe examinou mais de 100 impressões de arte de museus de Nova York e de livros de arte, selecionando 20 que combinavam simplicidade, conteúdo altamente emocional e cores vivas, características que pareciam tipificar fotos de alvos telepáticos bem-sucedidos em sessões experimentais anteriores no Laboratório de Sonhos. Essas 20 impressões foram reduzidas a 10 por dois outros membros da equipe.

Na série inicial (1964), o registro noturno de A indicava que ele havia dramatizado ou representado espontaneamente algumas das cenas representadas na imagem alvo. A fim de facilitar isso, bem como para envolver mais profundamente A no tema e no clima da imagem alvo, um quarto membro da equipe preparou uma série de objetos relacionados a cada uma das imagens-alvo. Espera-se que esses objetos em conjunto com a imagem envolvam A em um envolvimento multissensorial com o alvo, tanto por meio de seu contato físico com os objetos selecionados quanto por seu uso como adereços na representação de aspectos da imagem alvo.

O membro da equipe que selecionou os materiais multissensoriais selou cada impressão de arte em um envelope opaco; este envelope foi fechado em um envelope maior que foi selado. Cada envelope tinha uma pequena letra em seu canto superior direito, combinando uma carta em uma caixa apropriada de materiais multissensoriais. O funcionário que selou os envelopes colocou sua assinatura na aba de cada envelope. A assinatura foi coberta com fita adesiva transparente para que qualquer tentativa de abrir os envelopes prematuramente por alguém fosse detectada. O mesmo membro da equipe afixou sua assinatura ao lado de cada caixa de materiais multissensoriais. Novamente, a assinatura foi coberta com fita adesiva transparente para detectar qualquer tentativa de mexer nos materiais. S não foi informado da presença dos materiais multissensoriais, mas sabia por experiência anterior que o material alvo seria impressões de pinturas famosas.

S dormiu no Laboratório dos Sonhos em noites não consecutivas. Assim que S estava na cama, A entrou em um escritório e selecionou um único dígito de uma tabela de números aleatórios. Neste ponto, ele recebeu uma chave de um dos Es; pegando a chave, foi até uma caixa anexada, abriu-a e contou a pilha de envelopes-alvo até chegar ao número do dígito selecionado aleatoriamente. Se o número aleatório fosse maior que o número de alvos restantes, S passava pelo grupo uma segunda vez até que um envelope fosse localizado, cuja ordem correspondia ao número escolhido aleatoriamente.

Uma vez que o alvo foi selecionado, a caixa apropriada de materiais multissensoriais era localizada. A e E examinaram o envelope alvo e a caixa para ver se a fita transparente havia sido quebrada ou se as assinaturas mostravam evidência de adulteração. Ainda sob a observação de um E, A punha os alvos restantes de volta na caixa anexada e trancava-a, levando os materiais-alvo para seu quarto.

O quarto do A continha uma mesa, uma cama, um alto-falante e uma campainha. O relato do sonho de S podia ser ouvido por A no alto-falante; este procedimento serviu para manter o interesse de A no experimento e sua orientação contínua para o sono de S. Não havia microfone no quarto de A, impossibilitando que quaisquer sinais vocais fossem transmitidos de A para S ou de A para Es.

Ao chegar ao quarto do agente, A abria os dois envelopes e a caixa de materiais multissensoriais. Ele passava o resto da noite nesta sala, que ficava a 98 pés de distância do quarto de dormir de S, e separada da sala de sono por três portas e dois corredores. (O quarto de A era contíguo ao banheiro que A tinha permissão para usar.)

Durante a noite, Es monitorou o sono de S, a fim de detectar os períodos emergentes da fase I do sono REM. No início de cada período REM, E sinalizava A por meio de uma campainha unidirecional para despertar e se concentrar no alvo. No final de cada período REM, E acordou S por meio de um intercomunicador bidirecional e fez um relato verbal. Esses relatórios, assim como as associações de S a eles, foram gravados em fita e posteriormente transcritos. Especificamente, S foi perguntado:

Por favor, me diga o que passou pela sua cabeça. (Pausa) Tem mais alguma coisa? (Pausa) Havia alguma cor? (Pausa) Obrigado. Por favor, volte a dormir.

Após o despertar final de S, no final de cada sessão experimental, um E realizou uma entrevista pós-sono com S, a fim de obter material associativo adicional. Nessa época, também foi solicitado a S que fizesse uma suposição sobre o que ele achava que seria o alvo daquela noite. Especificamente, S foi perguntado:

Como você está se sentindo? (Pausa) Quantos sonhos você acha que teve? (Pausa) Você se lembra do seu primeiro relatório dos sonhos? (Pausa) Você pode elaborar sobre isso? (Pausa) Que sentimento ou humor acompanhou o sonho? (Pausa) Que pensamentos ou memórias o sonho traz à mente? (Pausa) Você se lembra do seu segundo relatório dos sonhos, etc.? Havia algum elemento no sonho de sua noite que não parecia fazer muito sentido em termos de sua vida pessoal? (Pausa) Quais? (Pausa) Por favor, faça uma suposição sobre o que você acha que o alvo pode ter sido. (Pausa) Obrigado. Removerei agora os eletrodos.

Depois que a entrevista pós-sono foi concluída, um assistente de secretariado enviou a fita para um transcritor que fez uma transcrição dos relatórios verbais da noite e da entrevista. S foi dispensado até a sessão experimental seguinte. A selou outra vez os envelopes e a caixa contendo o material multissensorial, afixando sua assinatura para cada selo e cobrindo-o com fita transparente. Os materiais usados ​​foram arquivados até a conclusão de toda a série experimental.

Após as transcrições das oito noites experimentais terem sido coletadas e transcritas, três Js externos (que não estavam presentes em nenhuma das sessões experimentais) classificaram cada um dos oito materiais-alvo em relação a cada uma das oito transcrições. Os Js trabalhavam cegos e independentes, usando slides do alvo e do material multissensorial. As 64 combinações possíveis de transcrição de alvo foram submetidas a cada J em uma ordem aleatória diferente. Oito combinações foram julgadas de cada vez; após a conclusão de cada conjunto de oito, J enviou as classificações para o Laboratório dos Sonhos e iniciou outro conjunto. Os materiais foram enviados aos Js pelo correio e devolvidos pelo correio, reduzindo o contato J-E, eliminando assim a contaminação na forma de efeitos de influência do E. A seguinte declaração foi enviada para cada J:

A tarefa que lhe cabe pode ser pensada em termos da experiência onírica de um indivíduo em conexão com algum evento estimulante que achou seu rumo na produção do sonho. É considerado axiomático na literatura psicanalítica que parte do que uma pessoa experimenta durante o estado de vigília entra em seus sonhos, mais ou menos transformados. Sabe-se também que os estímulos experimentados por um sonhador no estado de sono podem ser incorporados em seus sonhos. Considere que o alvo representa um evento que ocorreu enquanto o sujeito estava apenas adormecendo, ou enquanto o sujeito estava no estado de sono. Suponha ainda que o evento de fato influenciou o sonho de maneira direta ou através de algum processo de transformação. A tarefa então se torna a de trabalhar do sonho de volta ao evento que afetou o sonho. É possível que um alvo tenha sido usado, que mais de um alvo tenha sido usado, ou que nenhum alvo tenha sido usado, tudo isso para qualquer noite. Portanto, cada um de seus julgamentos deve ser completamente independente de qualquer outro julgamento. Você deve se familiarizar com cada alvo. Lembre-se que o título da imagem alvo, o artista, a data, etc. são considerados como parte do alvo. Você também deve se familiarizar com cada transcrição quando chegar a hora de avaliar as correspondências transcrição-alvo. Os passos são:

1. Localize o alvo e a transcrição que correspondem ao numeral e à letra do primeiro grupo de formulários de julgamento. Preencha os espaços em branco intitulados “assunto”, “juiz” e “data”. Você notará que três folhas são grampeadas juntas em cada grupo.
2. Usando a primeira página do primeiro grupo de formas de julgamento, leia os sonhos na transcrição e cor no espaço que representa, em seu julgamento, a correspondência com o material alvo. Este julgamento é feito com base *apenas nos sonhos*.
3. Usando a página do meio do primeiro grupo de formulários de julgamento, leia a entrevista pós-sono e preencha o espaço que representa, em seu julgamento, a correspondência com o material alvo. Isso é feito com base em *toda a transcrição*.
4. Usando a última página do primeiro grupo de formulários de julgamento, releia o resumo e preencha o espaço que representa, em seu julgamento, a correspondência com o material alvo. Este julgamento é feito com base *apenas no resumo*.
5. Prossiga para o grupo secundário de formulários de julgamento e repita o processo. Quando tiver terminado um conjunto de oito formulários, devolva-os por correio para o Laboratório dos Sonhos.

Algumas precauções especiais foram tomadas neste estudo para assegurar que nenhuma sugestão sensorial sobre o alvo pudesse chegar ao S. As duas salas usadas para alojar S e A estavam em lados opostos do edifício e a 98 pés de distância.

A permaneceu no quarto durante toda a noite, com a exceção de visitas ao banheiro adjacente. S permaneceu no quarto do sono a noite inteira. A comunicação de A para S ou de A para o Es era impossível, devido ao sistema de comunicação unidirecional.

A gama do material alvo era conhecida apenas pelos quatro membros da equipe que o haviam preparado. Nenhum desses membros da equipe entrou em contato com o S até o final da série experimental.

O julgamento foi realizado por três Js, e nenhum deles entrou em contato com o S ou A até o final da série experimental. Todos os formulários de julgamento foram enviados pelo correio. Este aspecto do procedimento foi tratado por um assistente de secretariado que não esteve presente em nenhuma das sessões experimentais. As precauções citadas durante o procedimento experimental refletem melhorias feitas no primeiro estudo feito com S. Para o primeiro estudo, o alvo foi selecionado pelos A e E. Devido a uma equipe limitada, havia apenas um E. Portanto, o A saiu de seu quarto em um ponto durante a noite para monitorar os sonhos do S enquanto o E descansava. Mesmo assim, A nunca falou com S no intercomunicador; o procedimento de despertar foi sempre tratado pelo E. Para o primeiro estudo, S ficou doente na oitava noite experimental e foi hospitalizado por 3 meses. Para o segundo estudo, todas as oito noites foram concluídas.

Os resultados do primeiro estudo foram submetidos a uma técnica de análise de variância sugerida por Scheffé (1959). Para o segundo estudo com S, utilizou-se uma técnica mais conservadora, consistindo de uma análise de variância em quadrado latino. Para o último procedimento, os três juízes receberam diferentes randomizações das 64 combinações possíveis de transcrição-alvo. Eles trabalharam em conjuntos de oito combinações de cada vez, enviando cada conjunto de volta para o Laboratório de Sonho após a sua conclusão.

**RESULTADOS**

A análise estatística consistiu de uma análise da técnica de variância do quadrado latino. Este procedimento foi utilizado para comparar as classificações dos oito pares críticos (e.g., as combinações transcrição-alvo corretas para cada noite experimental) com os 56 pares não críticos. As médias das três avaliações dos Js foram inseridas na matriz.

A hipótese experimental foi feita com base nas correspondências entre os alvos e a transcrição inteira para cada noite. Com base nisso, obteve-se um F de 6,43 que é significativo para p < 0,001 com 7 e 21 graus de liberdade.[[1]](#footnote-1)

Portanto, a hipótese de telepatia foi confirmada e os resultados do estudo anterior foram replicados. Uma crítica comum ao estudo anterior centrou-se na alegação de que os sonhos são tão ambíguos que praticamente qualquer imagem corresponderia de alguma forma a uma transcrição de sonho. Esse argumento pode ser combatido ressaltando que os Js trabalhavam cegos e que eles combinaram cada um dos oito alvos com cada uma das oito transcrições.

Uma verificação adicional sobre essa alegação foi feita. Um quarto J recebeu cópias das oito transcrições do segundo estudo, bem como os sete alvos usados ​​no primeiro estudo, os oito alvos usados ​​no segundo estudo e um alvo usado para uma sessão piloto com S. Antes de o quarto J fazer as 128 avaliações, oito combinações de transcrição-alvo foram aleatoriamente designadas usando os oito alvos de “controle”. Após a conclusão do processo de julgamento, as classificações para a combinação de alvo de transcrição “correta” e “controle” foram colocadas em análises separadas de matrizes de variância e inspecionadas, utilizando a técnica de Scheffé (1959). As combinações de transcrição-alvo “corretas” receberam classificações mais altas do quarto juiz do que todas as outras combinações na matriz (F = 8,11, p < 0,01, 8 e 64 df). As combinações de “controle” não produziram dados estatisticamente significativos (F = -0,71, 8 e 64 df). Portanto, a alegação de que resultados significativos podem ser obtidos a partir de combinações de transcrições-alvo aleatórias não foi demonstrada.

**Exemplos de correspondências entre sonho e alvo**

Vários dos alvos são descritos abaixo, bem como os materiais multissensoriais que os acompanham. Apresentam-se trechos dos relatórios de sonhos e das entrevistas pós-sono, com correspondências transcrição-alvo especialmente marcantes em itálico. Deve-se lembrar de que os Js trabalharam a partir da transcrição do sonho inteiro, não apenas os trechos apresentados aqui.

*Noite Experimental 2*

Na segunda noite experimental, “Pancada de Chuva em Shono” de Hiroshige foi selecionado aleatoriamente. Essa obra retrata um homem japonês com um guarda-chuva tentando escapar de uma chuva forte. As instruções na caixa de materiais multissensoriais são: “Tome um banho”. Um pequeno guarda-chuva oriental foi incluído na caixa.

*Primeiro Relatório de Sonho:* sem correspondências aparentes.

*Segundo* *Relatório de Sonho:* “É como se eu desenhasse, ou algum desenho estivesse sendo feito. Isso foi muito nebuloso... tive a sensação de estar em uma *posição baixa*, como uma mesa baixa. *Abaixado* no chão. Parece que é isso que eu quis dizer com ‘baixa’.”

*Terceiro Relatório de Sonho:* “... Algo sobre um *homem oriental* que estava doente...”

*Quarto Relatório de Sonho:* “A parte que eu lembro — meio que desbotada, mas *tinha a ver com fontes — uma grande fonte*. Seria como uma que se vê na Itália. *Uma fonte.* Duas imagens e um *spray de água* que jorrava. Nenhuma cor.”

*Quinto Relatório de Sonho:* “... *eu estava neste lugar interno-externo. Presumi que fosse ao ar livre, mas em uma parte do sonho estava dentro de casa*... E havia um ar-condicionado também...”

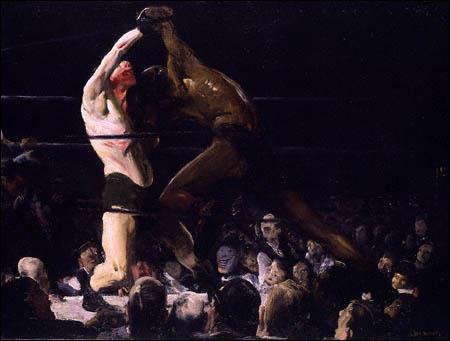
*Relatório do sexto sonho:* sem correspondências aparentes.

*Entrevista pós-sono:* “Havia um rapaz. Ele parecia ser inválido ou algo assim, e ele estava em uma cama. E eu simplesmente não lembro mais nada... Eu só tive as duas imagens desta vez, uma com *a fonte* como as da Itália, *fontes elaboradas* e o olho gigante de uma agulha... *A fonte me faz pensar em fotos e cenas que vi em Roma.* *Na verdade, há pouco tempo eu estava olhando um livro, o livro se chama “Fontes na Itália”, acho. Eles têm tantas fontes... lembro-me de falar de fontes renovando a vida... Eu estava andando na rua.* *Parecia que estava chovendo um pouco* e chegamos a um determinado ponto, e a rua estava bloqueada, então tivemos que andar na rua e ao redor... Claro, estava chovendo, e era noite e tinha uma sensação meio pesada...”

*Palpite para a Noite:* “... Em termos de destaque, eu diria que *a fonte* e a agulha... Esses parecem particularmente se destacar como sendo incomuns... *Por alguma razão eu vou dizer que tinha algo a ver com... fontes ou algo assim... Fonte. Talvez água...*”

*Noite Experimental 4*

“Ambos os Membros deste Clube”[[2]](#footnote-2) de Bellows foi o quarto alvo selecionado. Retrata dois boxeadores em uma briga selvagem; uma multidão assiste com alegria. Uma luva de boxe de couro foi o item multissensorial que acompanhou esta pintura.



*Primeiro Relatório de Sonho:* “... Havia *muita gente*... *Havia muita atividade acontecendo*. Conversas entre as pessoas... Havia algumas características estranhas sobre elas, o modo como estavam vestidas...”

*Segundo Relatório de Sonho:* Nenhuma correspondência aparente.

*Terceiro Relatório de Sonho:* “... Eu estava vendo alguns carros estacionados na praia sendo *atingidos*. *Um deles foi atingido e bateu em outro carro, quebrando-o completamente*. Depois eu estava no carro com minha mãe e meu pai... *e o oceano começou a atingir e a bater o carro atrás*... *e a onda atingiu e bateu no carro*. E eu pensei que realmente ia bater no outro carro com força...”

*Quarto Relatório de Sonho:* “... A única coisa que lembro é a limpeza de um sapato. Limpar um sapato com algum tipo de solução... e houve o processo de passar por cima de todo o sapato, limpá-lo com isso, e depois colocar um óleo e polimento... E havia um tigre saindo de um dreno... *Era apenas um sapato de couro preto.* O processo era limpar um sapato sujo. Apenas o sapato de um homem... Apenas um sapato de laço...”

*Quinto Relatório de Sonho:* “... Bem, eu estava pensando sobre o Vietnã. Diferentes aspectos dele. *Os prós e contras*... Estar no Vietnã e as razões para estar lá e *argumentos* de por que deveríamos estar lá e alguns dos *argumentos* de por que não deveríamos”.

*Entrevista pós-sono:* “... *Havia várias pessoas* e as próprias pessoas não são claras... Algo sobre suas atitudes que não posso reaver. Seria mais... *competição*... *Eu recebia, talvez, um sentimento de alguma forma de uma possível competição*... Começou com a visão de uma tremenda tempestade... Navios estavam sendo *atingidos* e empurrados para a praia... Essas ondas enormes *esmagariam* esses navios em terra... A água os *atingiria* a uma grande distância... Pegou um carro e bateu em outro carro que se desfez completamente. Como se você largasse um relógio, ele se quebraria em todas as direções... As ondas batiam em nós e nos empurrava para outro carro... Foi um sonho bastante interessante e eu gostei. *Talvez eu tenha gostado da violência no sonho*... A *violência* no sonho era excitante... O clima era de admiração e grandeza... A limpeza do sapato era um processo de passar por cima de um sapato preto, um sapato de homem..., e todo o sonho consistia em limpar o sapato. Agora eu acho que esse foi o sonho em que eu tive a outra impressão sobre o tigre... De onde diabos veio o tigre?”

*Palpite para a Noite:* “... Acho que revelava muita *violência*, *destrutividade*, *agressividade*... Algo a fazer dentro da natureza, porque o tigre é... *uma criatura independente e poderosa* a ser respeitada. Em termos de alvo... *algo que está retratando força*. No momento, tenho a sensação da natureza em seu sentido mais amplo. *Digamos os aspectos brutos da natureza, mais do que os aspectos mais refinados de um ser humano*...”

*Noite Experimental 6*

Na sexta noite experimental, a “Descida da Cruz” de Beckmann, uma pintura que retrata um Cristo moreno e emaciado sendo retirado da Cruz, foi selecionada. A caixa de materiais multissensoriais incluía um crucifixo, uma gravura de Cristo e uma caneta de feltro vermelha para que o agente pudesse colorir as feridas de Cristo para simular o sangue vermelho.



*Primeiro Relatório de Sonho:* Sem correspondências aparentes.

*Segundo Relatório de Sonho:* Nenhuma correspondência aparente.

*Terceiro Relatório de Sonho:* Nenhuma correspondência aparente.

*Quarto Relatório de Sonho:* “Começou com uma festa de aniversário... depois desbocou em algum lugar... e passamos por uma área onde *Winston Churchill* fazia um discurso... E a parte que eu lembro é o meu pai dirigindo... depois fomos para casa... e havia *muito vinho* que eu provei e acho que consegui um pedaço de bolo. E esse foi o fim do sonho... Havia *duas garrafas de vinho*... *Churchill era*, como eu disse, *velho e emaciado*. Eu me lembrava dele como gordo, rechonchudo, e aqui *estava velho, ficando mais magro e mais magro*...”

*Quinto Relatório dos Sonhos:* “Começou em algum tipo de comunidade nativa... Isso chegou ao ponto... em nós seríamos postos em uma panela enorme. Não sei o que estava acontecendo. *Nós íamos ser sacrificados*, ou algo assim, e havia conotações políticas. Parecia que havia um discurso do *Presidente Johnson* sendo tocado para eles... Eu estava tentando descobrir como poderíamos fazê-los mudar de ideia... e havia um alto-falante lá *e decidimos que o que faríamos é fingir que éramos deuses* ou algo assim, proibindo isso falando no alto-falante e também... poderíamos usar fogos de artifício... e usar essa voz estrondosa para proibi-los de fazer isso. Então, quando chegou a hora de agirmos, não tínhamos nada disso... *Vermelho*... *penso em vermelho*. *Outra coisa, eu penso em olhar para o assim chamado rei, chefe ou o que quer que o nativo fosse*. *Sua pele era uma cor de chocolate muito rica*... Só mais uma coisa que continua voltando, mas muito difícil de descrever — o chefe... sua cabeça tinha uma aparência muito estranha. Seria quase como se você estivesse olhando para ele, olhando para um *desses totens de deuses*. E seus olhos eram muito incomuns e parecia que havia alguma cor ali, com bordas *avermelhadas*... olhos... *Eles também estavam passando por uma cerimônia inteira para os deuses. E a ideia era assustá-los falando através do orador como se fôssemos os deuses proibindo-os de nos matar*...”

*Relatório do sexto sonho:* Sem correspondências aparentes.

*Entrevista pós-sono:* “... *Churchill parecia emagrecido. Ele estava secando e ele estava mais magro do que você se lembraria dele como*... Eu lembro principalmente do *vinho*... E me lembro de ter visto *Churchill*... a agressão estava sendo jogada em pessoas diferentes, embora isso não as prejudicasse fisicamente, certamente os *mataria* de susto... Era meio que um sonho engraçado... Tinha uma qualidade estranha na qual eu agia como se fosse possível fazer alguma coisa, e no sonho eu não providenciei, quero dizer com isso, esses eram... esses nativos e o alto-falante... *Para fazê-los pensar que os deuses haviam falado, que ia me salvar... esse alto-falante estava lá...* mas também havia o planejamento de usar fogos de artifício que não existiam. Como se pensar e planejar fosse de alguma forma influenciar em algo acontecendo como se realmente existisse... A última etapa da cerimônia, nós seríamos os participantes estrelas... havia a noção de que *eles iam nos matar de alguma forma, isso era parte de sua cerimônia... Começou a ter uma sensação muito ritualística...*”

*Palpite para a Noite:* “Bem, pode-se dizer que muitas coisas nos sonhos não faziam sentido. Afinal de contas, não é sempre que vejo Churchill... Eu diria que a parte nativa era um tanto estranha... fora da minha experiência diária. Parece que eu tentava afirmar algo no sonho que realmente não estava lá... *Uma das coisas que eu sonhei um pouco foi... o aspecto cerimonial. Na coisa de Churchill havia uma coisa cerimonial acontecendo, e no sonho nativo havia um tipo de cerimônia acontecendo... levando a qualquer cerimônia que fosse sacrificar duas vítimas. Eu diria que o sentimento de sacrifício no sonho nativo... seria mais como os primitivos tentando destruir os civilizados*... Nesse caso, parecia ter um elemento de canibalismo... Acho que posso ir um pouco mais longe. *Eu diria que a parte nativa, a parte primitiva, acreditava nessa autoridade divina. Agora, em termos do que estava sendo dito no sonho, acreditava na autoridade de deus, ou na ideia disso, mas o que estava acontecendo no sonho... não era um deus real.* Foi a utilização de muito ritual. Foi o uso da crença. Não sei se estou me fazendo entender. Em outras palavras, *nenhum deus estava falando*. *Foi o uso do medo disso, ou a admiração da ideia divina de trazer o controle. Não que deus falasse*”.

DISCUSSÃO

A metodologia aqui descrita oferece a possibilidade da primeira abordagem sistemática do estudo dentro do contexto laboratorial de um fenômeno que se revela elusivo em relatos anedóticos ocasionais e ainda mais esporadicamente no contexto da relação clínica psicoterapêutica. Dentro do ambiente laboratorial, enfrentam-se muitos dos mesmos problemas que existem *in vivo*, a saber, o aglomerado de efeitos paranormais em um percentual relativamente pequeno da população e a imprevisibilidade geral de eventos desse tipo. Temos o problema adicional de estruturar a relação entre A e S de modo a criar um equilíbrio emocional e motivacional suficiente para causar esse tipo de fluxo de informações. Em nosso próprio trabalho, conduzimos vários estudos de triagem de uma noite, em um esforço para selecionar, de maneira crua e subjetiva, o sujeito superdotado cujos sonhos possuem uma semelhança facilmente identificável com a imagem-alvo em seu conteúdo manifesto. Selecionamos, como fruto de três desses estudos de triagem, três indivíduos que pareciam talentosos dessa forma. Cada um foi então submetido a uma série individual de estudos realizados e avaliados de acordo com as linhas descritas. Em apenas um dos três os resultados foram estatisticamente significativos, embora em cada caso os resultados fossem na direção certa e várias correspondências marcantes ocorressem para cada sujeito. O estudo atual foi uma tentativa de confirmar o primeiro, com o primeiro S bem sucedido.

Interpretamos que este estudo confirmatório forneceu evidências que corroboram um efeito extrassensorial ligado a um estado alterado de consciência e não explicável com base em vazamento sensorial. As dimensões físicas e psicológicas do problema ainda precisam ser exploradas. Quanto à primeira dimensão, há vários modelos especulativos, mas nenhum significado heurístico até agora. A situação é um pouco mais esperançosa em relação à segunda. Murphy (1961) tem repetidamente apontado a aplicabilidade à pesquisa parapsicológica de certos axiomas básicos que geralmente se aplicam à psicologia, isto é, a influência do conjunto, motivação, crença, o efeito de declínio etc. Nosso próprio trabalho começou a incluir a personalidade e dimensões motivacionais da interação S-A.

Há muitas variáveis ​​físicas e psicológicas que precisam ser estudadas para aprender mais sobre as condições ótimas para a manifestação de tais efeitos paranormais. Entre as básicas, psicologicamente, está a relevância das relações genéticas, parentesco ou amizade como laços entre S e A.

Nas séries experimentais relatadas, a relação pessoal entre S e A foi agradável e empática. Embora os dois psicólogos tenham afirmado que nunca se viram fora do laboratório, passaram algum tempo juntos antes de cada sessão experimental. Eles se pareciam de várias maneiras. De aproximadamente a mesma idade, ambos passaram pela psicanálise, ambos se envolveram em psicoterapia, e ambos tiveram sucesso em outros campos profissionais antes de se tornarem psicólogos. Ambos viajaram para o exterior; e ambos usavam barba. A literatura sobre as experiências bem-sucedidas de telepatia demonstra a importância de relacionamentos interpessoais próximos (Schmeidler e McConnell, 1958).

Uma preocupação mais específica foi expressa por Freud (1933) quando levantou a questão da possível distorção das mensagens percebidas telepaticamente através da elaboração inconsciente como parte do processo do sonho. Nossos juízes têm sido até então influenciados principalmente por correspondências claras ou por correspondências simbólicas transparentemente óbvias.

Do ponto de vista fisiológico, não temos certeza de que é o estado de sonho em si que facilita a transferência telepática. Pode haver outros períodos críticos durante o ciclo do sono que se mostrem mais relevantes. Começar com a fase de sonhar foi simplesmente uma escolha baseada empiricamente. Finalmente, a experimentação mais refinada possível com animais sugere a chance de ligar estudos de REM em animais a problemas de comunicação extrassensorial.

***Traduzido por Vitor Moura Visoni em 07 de dezembro de 2018.***

**Referência original:** Ullman, M., & Krippner, S. (1969). A laboratory approach to the nocturnal dimension of paranormal experience: Report of a confirmatory study using the REM monitoring technique. *Biological Psychiatry*, 1(3), 259-270.

1. Os julgamentos com base apenas nos sonhos também foram estatisticamente significativos (F = 2,65, p < 0,05, 7 e 21 df), assim como os julgamentos com base na estimativa de S para a noite (F = 4,96, p < 0,005, 7 e 21 df). Nota-se que o nível mais alto de significância foi atingido quando toda a transcrição foi utilizada no processo de julgamento. [↑](#footnote-ref-1)
2. Both Members of This Club, 1909. George Bellows. Oil on canvas, 45 1/4 x 63 1/8 in. The National Gallery of Art; Chester Dale Collection. Copyright © 1997 Board of Trustees, National Gallery of Art, Washington, D.C.) [↑](#footnote-ref-2)